

BENOIT, H. (org.) *Estudos sobre o diálogo Filebo de Platão. A procura da Eudaimonia*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2007, 224 págs.

O organizador desta obra teve a sensibilidade de escolher um difícil diálogo de Platão, e nela 10 pesquisadores, além dele mesmo, apresentam seus resultados, em diversos ângulos e níveis de profundidade. Em um dos 11 ensaios da coletânea, Fernando Muniz escreve sobre “As transições do *Filebo*” indicando a dificuldade para o leitor diante de tantas transições do diálogo. Concentra-se em uma interpretação formal, indicativa dos possíveis ‘tubebios’ platônicos: como é o caso, por exemplo, da conversa inicial que está truncada e surge já em curso, e o final que não termina propriamente. Seria uma falta cometida por Platão contra as necessidades “logográficas” que ele mesmo aponta no *Fedro*? Propõe o autor a existência de 12 transições ao longo do texto, marcadas por um “princípio da relevância”, em que se mostra a conveniência da discussão e das digressões com o assunto tratado, o que constituiria “um princípio regulador do diálogo como um todo” (p. 122).

Dois outros ensaios focalizam a passagem do “presente dos deuses” encontrada no diálogo: Maria Caroli-

na A. Santos, com “A figura mítica do dialético no *Filebo*”, considera a associação com o mito de Prometeu, que é um símbolo para o próprio filósofo, sendo o fogo da *tekhne* transposto à iluminação da Causa inteligente e divina no cosmos também na *República*. Também George Rudebusch (“O presente dos deuses e a divisão em quatro gêneros no *Filebo* de Platão”) usa dessa passagem para fazer um *détour* interpretativo, eliminando um falso problema criado pela identificação das Formas ao gênero das “coisas que são ditas sempre serem”, distinguindo ele entre um nível “ordinário” de compreensão dessa expressão, e um outro “aristocrático”, dos que recebem o presente dos deuses e reconhecem a existência das Formas. A conferir.

Em “Ontologia e metrética dos prazeres”, Maura Iglésias lê o *Filebo* como momento de um “*crescendo*” platônico (p. 93) quanto ao seu interesse pela matemática e suas descobertas, o que lhe permite pensar numa seqüência cronológica dos diálogos desse ângulo: do *Protágoras* ao *Górgias*, deste à *República*, Platão mostraria a apropriação de uma “revolução”

introduzida pelo método de Eudoxo, o matemático da Academia, abandonando a “pretensão a um conhecimento total” em favor de uma epistemologia em que “a idéia do ser teria que ser captada nas relações”, como diz a autora, como se dá no estudo dos irracionais. Com tal bagagem teria escrito o *Filebo*, sendo que já emergira a questão da metríctica dos prazeres no *Protágoras* e, agora, o filósofo a aprofundaria. Também preocupado com o problema da seqüência dos diálogos, mas sob perspectiva diferente, o organizador do volume, Hector Benoit, escreve “A tardia prudência socrática no diálogo *Filebo*”. Mostra primeiramente seu método de interpretação, que leva em conta a relação do tempo dramático, inferido a partir de indicações dos próprios textos, com o tempo lógico (ou “noético”, na expressão do autor), da argumentação: a ordem da *léxis*. No caso do *Filebo*, Sócrates estaria com mais de 65 anos, e, segundo o autor, a defesa dos prazeres do conhecimento e dos prazeres sem dor atestaria a sua moderação colocada em contraste com o audacioso Sócrates da *República*.

Ao buscar uma ligação entre *Filebo* e *Timeu*, Anastácio Borges, no texto “Timeu e Filebo: o Cosmo e o Homem”, entende que, na *República*, ao determinar o objeto da *dóxa* como intermediário entre ser e não-ser, Platão não aprofundaria suficientemente o estatuto deste último, tarefa que seria desenvolvida no *Timeu*. Lendo Não-ser

como *Khóra*, considera que o filósofo reconhece na totalidade do ser algo de inteligível. Há, no entanto, certa carência de fundamentação para muitas de suas afirmações, e a partir desse passo Borges pretende aproximar os gêneros Limitado, Ilimitado, Mistura e Causa do *Filebo* com o que nomeia “gêneros cosmológicos” do ser, da *Khóra*, e da Geração, e com o demiurgo, no *Timeu*.

Já Valcicléa Costa anuncia no título de seu texto um difícil problema: “Cálculo diferencial entre os prazeres...”, mas não percebemos sua intenção e finalidade alcançadas, ao apontar a divisão entre “prazeres não-misturados” em físicos e psíquicos, aparentemente confundindo a diferença entre prazeres puros e impuros com a de uma vida mista de conhecimento e prazer. O leitor terá suas próprias conclusões.

Em artigo escrito a quatro mãos – “*Filebo*, 15b: um problema resolvido” –, Fernando Muniz e George Rudebusch detêm-se em uma análise minuciosa do problema da “controvérsia” exposta nessa passagem, quando se trata da afirmação de certas “hênadas” imutáveis (tais como Homem, Belo, Bom). Recolhendo e confrontando posições de intérpretes contemporâneos, relevam a necessidade de observar a distinção entre “hênadas” e “mônadas”, de modo a entender a esta como referida ao resultado da divisão e não às hênadas que seriam divididas (p. 138). O “zelo” na afirmação de uma hênada como Homem, explicam,

torna-se “controvérsia” quando é preciso também reconhecer a existência de mônadas como Homem Moderado e Homem Imoderado.

Com Francisco Bravo (“O método da divisão e a divisão dos prazeres no *Filebo* de Platão”), acompanhamos a defesa da presença e da importância do método da divisão nesse intrincado diálogo. Em rico debate com muitas posições interpretativas, Bravo assume a aquisição de Muniz e Rudebusch aprofundando-a com a interrogação sobre o que é “assombroso” na controvérsia por eles mencionada, isto é: que as mônadas possam ser incluídas nas hênadas. Para o autor a solução de Platão só pode ser compreendida de um ponto de vista metodológico, em que “a inclusão é possível graças à *diairesis*, fundada na *koinomia*” ontológica, como exposta no *Sofista* (p. 19). Extrai ainda do *Filebo*, princípios lógico-ontológicos que permitem elencar importantes “Regras da divisão”. Distinguindo entre divisão definicional e classificatória, Bravo ilumina o procedimento de Sócrates ao identificá-lo ao segundo tipo de divisão, descrevendo pormenorizadamente a diferenciação dos prazeres.

Rachel Gazolla expõe “Sobre o ser da dor e a tirania”, e faz um estudo cosmológico. Pergunta-se pela natureza da dor enquanto algo que só pode ser apreendido como um ser “em pas-

sagem” (do mais para o menos, do menos para o mais, mediana, muita dor etc.) e reconhece no “presente dos deuses” transmitido pelos antigos a influência do pensamento pitagórico, que permite a Platão uma compreensão “matemática” do vir-a-ser: “Tudo o que vemos (*ta phainomena*) e podemos conhecer como ‘algo’ vem a ser variável e mutável da perspectiva da quantidade e da qualidade, sendo dois os princípios da gênese: limite e ilimitado (pêras e apeíron)” (p. 56). O que colocaria problemas para o *lógos*, que só pode conhecer o delimitado e determinado, enquanto que a dor, sendo expressão da desarmonia, ressalta a autora as ambigüidades dos nomes “prazer” e “dor”. Recorre, ainda, ao *Timéu*, e aponta o quinhão de desordem que ele tem, sinalizando a dor como parte do cosmos. A partir dessa reflexão, oferece uma análise do Eros tirânico na *República* como fenômeno da perda da possibilidade de bem julgar e da dor, pois o prazer do tirano é ilimitado, sem medida numérica. Gazolla conclui com uma aproximação com o mito do *Político*.

Aos leitores, os ensaios necessários e bem-vindos, para suas investigações e considerações.

Bruno Conte  
PUC-SP

bruno@brunoc.com.br